

**CANDINHO, uma ópera para todos!**

**LABORATÓRIOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA**



**ProART**

Um projeto com o apoio e financiamento da:



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO

**dgARTES**  
DIREÇÃO-GERAL  
DAS ARTES

## **LABORATÓRIOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA**

### **Concurso de ideias para cenografia e guarda-roupa: Portinari Re-imaginado**

Neste desafio, convidamos os jovens a estabelecerem um diálogo criativo entre dois universos artísticos: a ópera e a obra de Cândido Portinari. Em articulação com as escolas locais, e com o apoio dos professores de desenho e trabalhos manuais, pediremos aos jovens que quiserem participar que nos proponham, através de desenhos, ideias para cenografia e guarda-roupa, tendo por base obras selecionadas do mestre brasileiro. Este exercício não só homenageia Portinari como convida os jovens a serem intérpretes visuais, traduzindo a linguagem pictórica em possíveis elementos cénicos. Os melhores trabalhos serão apresentados numa exposição final.

### **Escrita criativa: As Estórias nas obras de Portinari**

As telas de Portinari são janelas para mundos por explorar, e neste desafio literário, convidamos os jovens a serem os narradores dessas histórias silenciosas. Perante as obras selecionadas, cada participante torna-se arqueólogo de narrativas: Quem são aquelas figuras enigmáticas? Que segredos guardam aqueles olhares? Que dramas se desenrolam naqueles cenários? A imaginação é o único limite nesta aventura literária onde pintura e palavra se entrelaçam. Os textos mais inspiradores ganharão vida impressa no programa de sala da ópera e permanecerão acessíveis numa plataforma digital dedicada, criando um legado literário que perdurará muito além do espetáculo. Este processo será conduzido também em articulação com as escolas e com a disciplina de português.

...estes desafios representam portas abertas para que cada jovem encontre a sua forma única de contribuir para esta celebração artística coletiva, provando que na ópera, como na vida, há espaço e necessidade para todos os talentos. Assim, contamos com a participação de alunos da Escola Secundária Padre António Vieira (Alvalade) e da Escola Básica das Piscinas (Olivais).

## As Obras de Candido Portinari que inspiraram a Escrita Criativa



Crianças Brincando (1940)



O Circo (1958)



Sonho (1957)



O Palhaço (1941)



O Retrato de Dona Dominga e Baptista (1954)



Menina com Trança e Laço (1958)



Menino com Diabolô (1955)



O Lavrador de Café (1934)



Paisagem com Balão (1958)

## Os Trabalhos Vencedores

### O Palhaço que Esquecera o Riso

De Francisco Oliveira – 9º 4ª

Escola Secundária Padre António Vieira

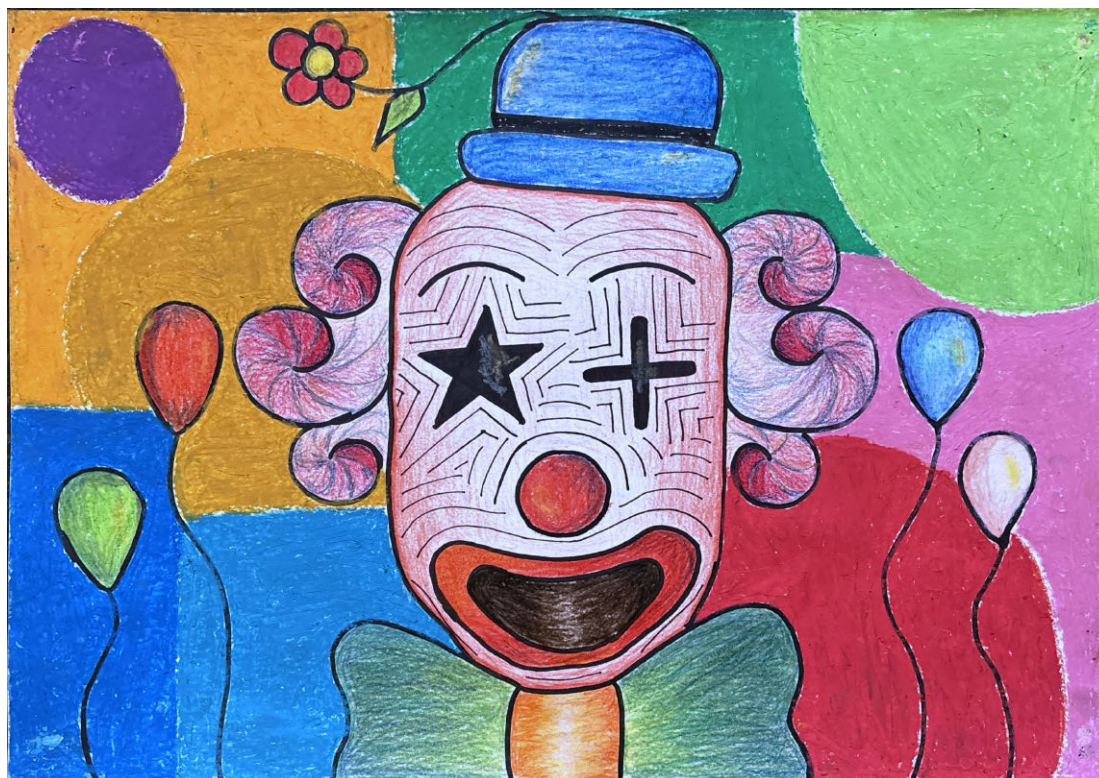
Vasco era o palhaço mais divertido do circo, mas só por fora. Todas as noites pintava um sorriso enorme no rosto, porque o verdadeiro tinha desaparecido há muito. Desde que perdera a família, vivia apenas entre malas, palcos e aplausos que não lhe aqueciam o coração.

No espetáculo parecia feliz, tropeçando de propósito e fazendo as crianças rir. Mas, quando a tenda se esvaziava, ficava sozinho no seu pequeno camarim, a olhar para o espelho rachado onde via não um palhaço, mas um homem triste escondido por trás das cores.

Um dia, após uma atuação, uma menina aproximou-se com um desenho: um palhaço de sorriso grande, mas de olhos tristes. — Este é o senhor — disse ela. — Às vezes quem faz rir também precisa de um abraço.

E abraçou-o sem esperar resposta.

Naquela noite, Vasco percebeu que não precisava esconder tudo atrás da maquilhagem. Pela primeira vez, deixou de pintar um sorriso forçado. E, devagarinho, começou a encontrar um verdadeiro.



De Carlota Vasconcelos, 9º 6ª  
Escola Secundária Padre António Vieira

**De Guilherme Costa – 9º 4ª**  
**Escola Secundária Padre António Vieira**

A estrada prolongava-se sem pressa, esticando-se até ao limite do horizonte, como se me desafiasse silenciosamente a prosseguir. Ao meu lado, a grande árvore erguia-se firme, deixando cair uma sombra fresca que quebrava o brilho áspero do pó que se agarrava ao caminho. O vento passava apressado, inquieto, erguendo pequenas nuvens que rodopiavam à minha volta, como mensageiros de segredos antigos que nunca chegam verdadeiramente a ser ditos.

Lá no alto, um balão azul deslizava devagar, contemplativo, quase humano na serenidade com que observava o mundo. A vastidão daquela paisagem deserta fazia-me pensar na liberdade — não como um horizonte distante, mas como uma vibração discreta que crescia dentro de mim a cada passo. A solidão, longe de ser um peso, tornava-se uma pausa justa, um intervalo necessário para respirar e ouvir o próprio pensamento.

Sentia que cada detalhe escondia uma memória adormecida, um enigma suave que me empurrava para a frente. E assim seguia, levado por essa sucessão de pequenos mistérios, avançando pela estrada sem saber ao certo para onde ia, mas certo de que o caminho, por si só, já era uma descoberta.

**De Salvador Lopes – 9º 1ª**  
**Escola Secundária Padre António Vieira**

No Brodowski seco, quase silencioso, onde o vento levantava poeira fina como memória antiga, o jovem Candinho chorava em silêncio: perdera a única oportunidade de ver o circo que tanto sonhara. O mundo parecia-lhe estreito, sem cor, como se a alegria tivesse fugido com a última caravela de luz.

Foi então que, surgindo do nada como uma aparição, o palhaço Beringela se aproximou — vibrante, luminoso, com um sorriso tão largo que parecia capaz de empurrar as nuvens. “Não te apoquentes, Candinho”, murmurou ele com uma doçura inesperada. “O circo vive dentro de ti, na tua memória e na tua imaginação.”

O palhaço deu uma pequena pirueta, fez tilintar os guizos da roupa e estendeu-lhe uma mão generosa: “Vamos, coragem! Desenha. Usa o castanho quente desta nossa terra e o azul imenso do céu que nos cobre. Cria a tua própria obra, aquele circo que só tu sabes ver.”

Ao ouvir aquelas palavras, algo acendeu dentro do menino. Uma vibração leve, quase elétrica, tomou-lhe os dedos — como se as cores tivessem vida própria e lhe corressem no sangue. Pegou nos lápis e começou a desenhar: a lona erguida como uma montanha de sonho, as luzes, os risos, os malabaristas suspensos no impossível. E, à medida que traçava linhas e manchas, descobriu uma alegria nova, funda, quase inexplicável: a alegria de ser artista.

A partir desse dia, Candinho nunca mais se deixou vencer pela tristeza. Aprendeu a viver em paz, sem remorsos, e a sorrir para o passado — um passado que continua a ressurgir nas telas e pinturas onde guarda, intacto, o brilho do seu primeiro circo imaginado.



**De Rodrigo Shan, 9º 5ª  
Escola Secundária Padre António Vieira**

## **A Luta Contra o Tempo**

De Margarida Alexandre – 9º 5ª

Escola Secundária Padre António Vieira

O menino abre bem as pernas e estica os braços como se pudesse segurar o mundo.

Acima da sua cabeça, o tempo oscila, frágil, ameaçando cair. Ele tenta equilibrá-lo, mesmo sabendo que não foi feito para mãos humanas. Os pés descalços afundam-se na terra seca, pedindo que o chão o ajude a ficar firme.

O vento passa rápido, demasiado rápido, e puxa pelo tempo com força. O menino resiste, concentra-se, prende a respiração. Quer que aquele instante dure mais um pouco, quer ficar criança por mais um dia. Mas o tempo não espera, escorre lentamente, invisível, enquanto ele continua ali, lutando contra o inevitável.

No fundo, sabe que vai perder. Ainda assim, insiste, pois, tentar é a única forma de atrasar a despedida.

## **O Retrato do Silêncio**

De Duarte Rosa – 9º 4ª

Escola Secundária Padre António Vieira

No centro da sala antiga pendia um retrato invulgar: um marido e uma mulher sentados lado a lado, impecavelmente pintados — exceto pelos rostos, que eram apenas superfícies lisas, como névoa seca.

Ninguém sabia ao certo o porquê daquela ausência, mas todos reconheciam o casal retratado: Celina e Joaquim, conhecidos por viverem uma vida tranquila, quase sem palavras. Diziam que se entendiam pelo simples facto de estarem juntos, sem precisarem de olhares ou gestos.

Uma tarde, uma jovem chamada Clara aproximou-se do quadro e ficou a observá-lo durante longos minutos. De repente, sentiu que a pintura não mostrava falta, mas excesso — como se todas as emoções do casal estivessem escondidas atrás daquela brancura, demasiado intensas para serem pintadas.

Quando se afastou, jurou ter ouvido dois suspiros vindos da moldura. Leves. Serenos.

A partir desse dia, Clara passou a olhar para o retrato com respeito. Aprendera que há vidas que não precisam de rosto para serem vistas.



**De Laíra Miranda, 9º 2ª  
Escola Secundária Padre António Vieira**



**De Maria Leão, 9º 2ª  
Escola Secundária Padre António Vieira**

## **Para o retrato de Dona Dominga e Seu Baptista**

**De Joana Soares – 9º 3ª**

**Escola Secundária Padre António Vieira**

Parte 1

Conservador ou fechado?

Cruel ou rígido?

O meu pai.

Nunca me abraçou,

Talvez me apertasse, com seus braços, abraçar?

Nunca!

Não o culpo,

Pois ele também nunca recebeu amor.

Pela sua brutidão, que a minha mãe sentiu,

Pelos seus olhos vazios, que nunca vi chorar.

Pela sua boca, julgador, correta! Diria a minha mãe.

Sempre me perturbou a forma como era respeitado,

na rua, quando alguém o reconhecia

havia uma metamorfose.

Tornava-se radiante, sorridente até

uma nova personalidade, esta

que não entrava em casa,

Nem mesmo nos aniversários,

chegava ao tapete da entrada

E evaporava-se.

Parte 2

Fora simpático e bonito,

Compreensivo e de tempo em tempo

Sorridente.

Sempre soube que não seria bom pai,

Mas fechei os olhos durante anos.

Como pode ele ser pai,

se nunca fora filho?

Talvez assim o vazio paternal que sente

se possa fechar,

Pensei eu ingenuamente.

Na realidade só o fez mais fundo.

Passei a ser viúva, mãe solteira,  
no dia em que o meu filho nasceu,  
apesar do meu marido  
se deitar comigo na cama todos os dias.  
O pai do meu filho estava lá, o meu marido não.

Este perdeu-se há muitos anos,  
No meio de tantas mágoas e  
Dificuldades que passou.



**De Matilde Vilela, 9º 2ª**  
**Escola Secundária Padre António Vieira**

**De Joana Almeida – 9º 3ª**  
**Escola Secundária Padre António Vieira**

A estrada que se estende à minha frente é como uma frase que ainda não consegui dizer. Caminho por ela calmamente, enquanto o vento se levanta, erguendo o pó, vai-me relembrando de que tudo está sempre a mexer, mesmo quando parece quieto.

A árvore ao lado parece observar-me silenciosamente e firme, como se guardasse segredos e memórias de quem já tenha passado por ali.

O céu, meio claro, meio turvo, parece transmitir aquela dúvida, a dúvida de não sabermos bem para onde estamos a ir. Mas mesmo assim seguimos.

A mistura de terra, vento e distância faz pensar que cada escolha que fazemos deixa sempre uma marca, por mais pequena que seja.

Há algo naquela paisagem que me empurra, talvez o horizonte, talvez só a vontade de descobrir. E enquanto avanço, percebo que, às vezes, o caminho fala mais que o destino.



**De Maria Eduarda Soares, 9º 5ª**  
**Escola Secundária Padre António Vieira**



De Lara Machado, 9º 8ª  
Escola Secundária Padre António Vieira

## **O Árduo Trabalho do Lavrador**

De Enzo – 9º 1ª

Escola Secundária Padre António Vieira

No quadro O Lavrador de Café, Cândido Portinari revela, com uma força quase telúrica, a existência austera de um homem moldado pela terra. A figura do lavrador domina a tela como uma estátua viva, erguida pelo esforço de dias intermináveis ao sol. O rosto, vincado pelo cansaço, não esconde a dureza do quotidiano; antes denuncia a persistência silenciosa de quem sabe que a terra só retribui a quem a serve sem desistir.

Os músculos tensos, esculpidos pelo labor repetido, falam mais alto do que qualquer palavra. São o testemunho mudo de um corpo habituado à luta diária, aos instrumentos antigos que teimam em exigir mais força do que a que o próprio corpo pode dar. Cada movimento parece ter o peso da história: a história dos que amanhã o solo com as próprias mãos, confiando a colheita ao suor e à esperança.

Portinari não pinta apenas um homem: pinta um destino. A sua paleta, ora terrosa ora intensa, prende-nos ao chão e lembra-nos que a vida do trabalhador do campo é feita de sacrifício, mas também de uma dignidade profunda, quase sagrada. O lavrador, com a sua postura firme, encarna aqueles que se dedicam à terra como se ela fosse um prolongamento do seu próprio ser — um pacto de pertença e resistência.

Na tela, sente-se o peso do sol, o cheiro do café maduro, o silêncio que acompanha quem trabalha em solidão. Mas sente-se também uma grandeza discreta: a grandeza de quem constrói o mundo através do que semeia.

De Diogo Simões – 9º 1ª

Escola Secundária Padre António Vieira

O palhaço estava ali, perdido no meio de nenhures. O fato branco, salpicado de vermelho, parecia mais uma ironia cruel do que um traje de espetáculo. A mão erguida não saudava ninguém; era antes um apelo silencioso — “por favor, alguém repare em mim”. Os sapatos vermelhos, pesados como chumbo, afundavam na areia que lhe devorava os passos e lhe roubava a já escassa vontade de permanecer naquele lugar.

O rosto, pintado de negro, era uma muralha impenetrável. Nada deixava adivinhar do que lhe fervilhava por dentro. O coração batia, sim, mas ecoava como um tambor desafinado, produzindo apenas ruído, nunca música. Sentia-se tão só quanto a tenda abandonada que se erguia atrás de si, rendida ao tempo. E o sol, lá no alto, não era mais do que uma esfera pálida, indiferente, a iluminar a sua desgraça sem oferecer calor.

Esperavam que fosse engraçado, que arrancasse gargalhadas. Mas o seu riso era uma farsa que lhe feria a alma. Tudo o que desejava era arrancar aquela máscara, libertar o rosto cansado e, enfim, deixar de fingir.



De Leonor Miranda, 9º 5ª  
Escola Secundária Padre António Vieira



De Beatriz Santos, 9º 1ª  
Escola Secundária Padre António Vieira

## **O Caminho Adormecido**

**De João Russo – 9º 4ª**

**Escola Secundária Padre António Vieira**

Olhei de relance para a estrada de terra e poeira que me indicava o caminho. Durante toda a minha infância ignorei aquela senda que se perdia no horizonte, um fio pálido a separar o mundo que eu conhecia do que me parecia impossível imaginar. Só agora, porém, me permito ver a beleza que sempre escondera no seu silêncio — uma beleza antiga, paciente, à espera de quem tivesse coragem de a descobrir.

Sempre tive receio de por lá passar. Era-me um território proibido, quase mítico, onde o desconhecido respirava entre as ervas altas e as sombras alongadas. O simples pensamento de avançar por aquela extensão de nada provocava em mim um frio que nunca soube explicar.

Mas hoje é diferente. Hoje, aquele caminho que antes me ameaçava surge como uma porta aberta, uma promessa de aventura, a entrada para um mundo muito maior do que aquele em que vivi encerrado.

Em torno da estrada, tudo permanece imóvel, como se o tempo tivesse decidido adormecer ali, vencido pela quietude. A árvore que há décadas a vigia ergue-se ainda venerável e majestosa, oferecendo sombra a quem tiver a ousadia de se deter. O céu, ao repousar sobre essa paisagem esquecida, parece vestir outra alma — mais ampla, mais profunda — e o horizonte, silencioso e distante, continua a guardar o seu segredo com a teimosia de quem sabe que certos mistérios só se revelam a quem caminha.

Respirei fundo. Talvez, afinal, todos os caminhos adormecidos esperem apenas que alguém lhes toque o coração com passos novos. E, naquele instante, percebi que o medo que sempre senti não era um aviso, mas um convite: o convite para despertar.



De Lara Alves, 9º 4ª  
Escola Secundária Padre António Vieira



De Lia Santos, 9º 4ª  
Escola Secundária Padre António Vieira

**De Inês Santos – 9º A**  
**Escola Básica das Piscinas**

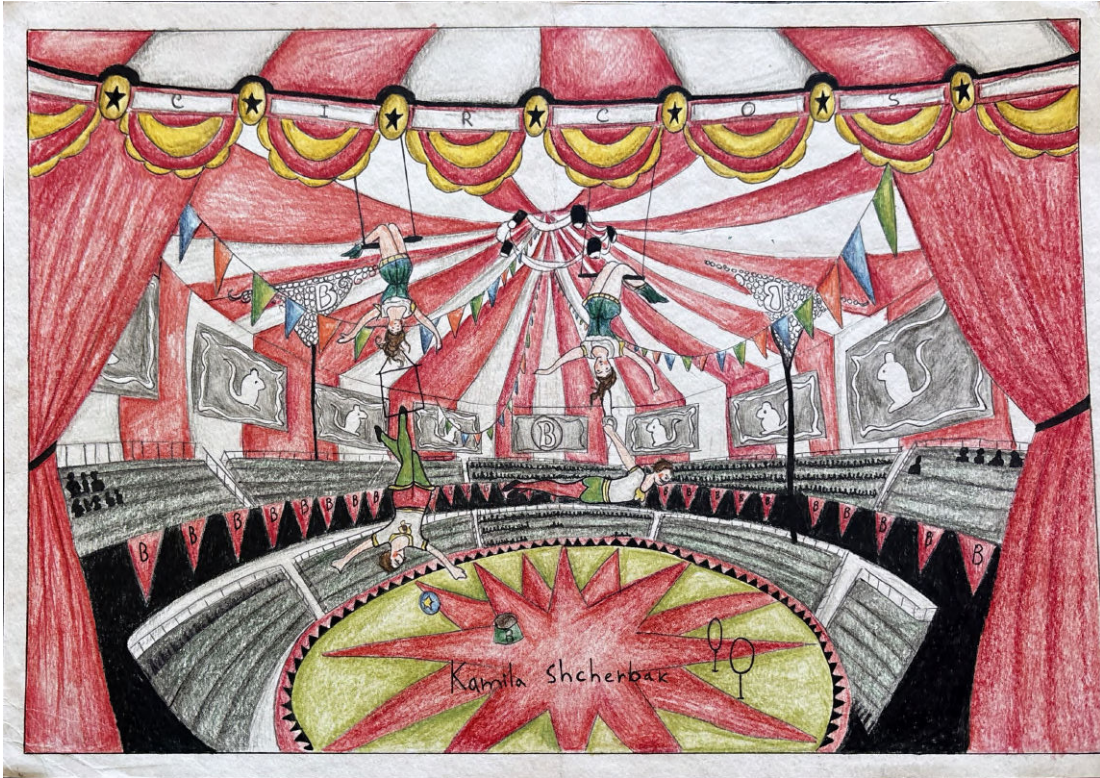
Certo dia, depois de uma apresentação no circo, em 1994, no Brasil, um palhaço chamado Valentim saiu para a rua profundamente abatido. O público tinha rido e aplaudido, especialmente as crianças, mas por trás do sorriso pintado escondia-se um cansaço antigo e uma tristeza que já não conseguia disfarçar.

Nessa mesma manhã, antes do espetáculo começar, Valentim acordara por volta das seis horas. Estava exausto, pois no dia anterior passara horas a treinar e a preparar-se para mais uma atuação. A vida no circo parecia alegre aos olhos de quem assistia, mas era, na verdade, muito desgastante. Tomou um pequeno-almoço apressado, vestiu-se e maquilhou-se à pressa. Quando procurava o seu chapéu, apercebeu-se de que não o encontrava em lado nenhum. Mais tarde descobriu que estava com outro palhaço, o Banana, que o guardara por engano no dia anterior. Apesar do contratempo, Valentim acabou por ficar pronto a tempo de entrar em cena. O número que antecedia o seu era o dos elefantes. Valentim tinha um carinho especial por eles: alimentava-os sempre que podia e brincava com eles nos raros momentos livres. No entanto, sabia bem que eram maltratados e constantemente forçados a atuar, mesmo quando estavam cansados ou doentes.

Quando envelheciam e deixavam de ser úteis para o espetáculo, eram simplesmente abandonados. A sua elefanta favorita era a Dina, mãe dos elefantes mais pequenos, que também já demonstrava sinais de velhice. Valentim temia que aquele fosse o seu último espetáculo.

Nesse dia, o espetáculo dos elefantes correu mal. Um dos elefantes bebés adormeceu a meio da apresentação, vencido pelo cansaço. O domador, irritado, começou a gritar com o animal e acabou por agredi-lo perante todos. Enfraquecido pelos maus-tratos constantes, o pequeno elefante não resistiu e acabou por morrer. Dina ficou agitada e triste, soltando sons de aflição, e Valentim sentiu um peso enorme no peito. Nesse momento, percebeu que já não conseguia continuar a fazer parte daquele circo. Sentia-se culpado por, de alguma forma, ser cúmplice de tanta crueldade. Valentim recusou-se a atuar. O chefe do circo chamou-o, repreendeu-o duramente e obrigou-o a entrar em cena, exigindo que interagisse com as crianças e fingisse que estava tudo bem. Embora obedecesse, Valentim sentia-se vazio e envergonhado, como se estivesse a trair tudo aquilo em que acreditava.

Na manhã seguinte, acordou antes do amanhecer. Tinha as malas preparadas e o coração decidido. Libertou a Dina e levou-a consigo, afastando-se do circo em silêncio. Não sabia para onde iria nem como iria sobreviver, mas tinha a certeza de que não podia ficar ali. Enquanto caminhava, prometeu a si próprio que um dia regressaria para libertar os outros animais e pôr fim àquele sofrimento.



De Kamila Shcherbak, 9º C  
Escola Básica das Piscinas



De Guilherme Costa  
Escola Básica das Piscinas

## Uma luta entre o Sonho e a Realidade

Jennifer Oliveira – 8.ºA

Escola Básica das Piscinas

Era um tempo sem relógios, em que a realidade se confundia com o sonho. Num espaço quase vazio, um cavalo escuro erguia-se inquieto, entre a sombra. Sobre ele erguia-se uma criança frágil, suspensa num gesto de esperança, enquanto um homem de mãos frias e cansadas, tentava mantê-lo preso ao chão. Tudo parecia acontecer num instante fora do mundo.

O cavalo agitava-se como um pensamento que deseja fugir. A criança, leve como o próprio sonho, ergueu o braço, acreditando que ainda poderia tocar no impossível. O homem puxava as rédeas com força, força tirada do medo e das limitações da vida. O combate do homem não era apenas com o cavalo, tratava-se de uma luta silenciosa entre o sonho e a realidade.

Por momentos, o homem sentia que o equilíbrio parecia perdido. O sonho ameaçava cair, dissolver-se tal como açúcar na água, mas a criança mantinha-se firme, protegida com força graças à sua imaginação, o mesmo local onde a dor não entra, não há espaço para o sofrimento se acomodar. Mesmo inquieto, o cavalo sustentava aquele instante suspenso, fazendo com que o sonho existisse, nem que fosse por breves momentos, Contudo, mesmo com tanta luta para manter o sonho ou voltar à realidade, nada se resolveu por completo. O sonho não se desfez nem se realizou, ficou ali, a existir naquele espaço vazio entre a luz e a sombra. Porque há sonhos que não pedem um fim, apenas coragem e força para continuar a existir.



De Madalena Varanda, 9º A  
Escola Básica das Piscinas

## O Papagaio de Papel

Afonso Abelho e Madalena Varanda – 9.ºA  
Escola Básica das Piscinas

Em plena primavera, Cândido Portinari regressou à sua terra, Brodowski. Já lá ia muito tempo desde que tinha partido para o Rio de Janeiro, mas a sua terra estava exatamente igual ao que a sua memória insistia em recordar-lhe.

Foi dar um passeio pela aldeia. Vagueou pelos campos, perdido nos seus pensamentos. Tinha valido a pena o tempo que tinha passado na escola de Belas Artes, mas estar ali avivava todas as suas memórias de infância, e perguntava-se como teria sido se nunca tivesse deixado Brodowski para trás.

Ao fim de muita reflexão, olhou em volta. Estava no lugar de onde conservava as suas memórias mais felizes. As tardes de piqueniques bem passadas depois da escola, as manhãs de sábado em criança, quando brincava com os seus irmãos, ou mais tarde, as noites de incertezas. Passeava por aquela estrada até perder a noção das horas, e, quando dava por isso, já tinha passado mais tempo do que imaginava. O certo é que voltava a casa com as ideias em ordem, e pronto para a manhã que se avizinhava.

Estar naquele sítio era como se esse tempo estivesse de volta. Como se o tempo que passara longe de casa tivesse sido apenas umas semanas e não uns longos anos que haviam marcado a sua passagem da juventude para a vida adulta. Como se a sua longa ausência estivesse agora a ser compensada, em cada flor que desabrochava naquele caminho, nas sombras das árvores nas quais se podia refugiar sempre que o Sol brilhasse mais intensamente e que o seu calor se fizesse sentir de uma forma insuportável, como era costume no pico do verão. Naquele dia, tudo parecia perfeito, como quando era uma criança ingénua e tudo o que conhecia eram simples brincadeiras, passeios ao ar livre, e em que encarava o mundo de uma forma em que não conhecia maldade alguma.

Nos dias que antecederam a sua chegada, não parava de imaginar como estaria a sua terra e as pessoas de quem se lembrava tão bem. Não importava quanto tempo passasse, seria para sempre o Candinho, e tudo o que conhecera na infância não poderia ser apagado da sua memória.

Estava a passar pelo seu cruzamento preferido, em que havia uma árvore especial para si, a árvore em que se sentava todos os dias à vinda da escola, quando viu duas crianças a brincar. Recordou-se de uma primavera em que descobriu os papagaios de papel.

Durante meses, até ao fim do verão, brincava todos os dias com um papagaio que a mãe o tinha ajudado a fazer. Um dos meninos abalou-o, e envergonhado, cumprimentou-o:

— Bom dia senhor! — Olhou-o com uma cara de desconfiança, pois numa aldeia toda a gente se conhece, e para aquelas crianças que não eram do tempo do Candinho, este homem era decididamente um forasteiro.

Cândido devolveu o cumprimento, interessado nos jovens caras surpreendidas que tinha à sua frente:

— Bom dia meninos! Como é que se chamam?

— Eu sou o Joaquim e ele é o João — Disse o menino ligeiramente mais alto, apontando para o irmão. — É o senhor quem é?

Cândido ficou incerto quanto ao que responder, pois naquele lugar nunca lhe tinham feito tal pergunta. Respondeu:

— Eu sou o Candinho.

As crianças entreolharam-se e exclamaram:

— A nossa mãe fala muitas vezes de um Candinho, e de como brincavam juntos com papagaios de papel quando tinham a nossa idade.

Cândido ficou curioso sobre quem seriam os seus pais. Alguém da aldeia que fizera parte da sua infância, pelos vistos.

— Os papagaios de papel eram a brincadeira mais divertida do nosso tempo. Já experimentaram? — perguntou Cândido, constatando uma vez mais que tudo naquele lugar tinha o sabor da infância.

— Não, nós nunca usámos um papagaio... — As caras dos meninos entristeceram ligeiramente.

Surpreendido por crianças que teriam 8 anos nunca terem visto um papagaio de papel a voar, Cândido questionou-os:

— Os vossos pais não têm os deles? Na minha altura eu ajudei todas as crianças da vila a construir um.

— Já não devem ter, pelo menos nós nunca vimos nenhum.

Lembrou-se então do quão divertido era correr pelos campos, sentir o vento a bater-lhe na cara enquanto o papagaio subia no ar. Do quão divertido era construir papagaios de papel numa tarde de sol com pássaros a cantar, no seu pedaço de relva preferido, onde todos os sábados se reunia com os seus amigos para a Reunião Semanal da Caça ao Tesouro. Riu-se, recordando as corridas desenfreadas pela aldeia, à procura da pista seguinte, que os seus pais tinham deixado numa árvore, muro, quintal, ou mesmo nas casas das pessoas, para que os mais velhos que não tinham companhia vissem uma cara jovem, para que no fim encontrassem um pequeno baú com guloseimas ou algo parecido. Nunca se esqueceria da vez em que havia bilhetes para o circo itinerante, mas que faltava um, e então cedeu a sua vez para que os outros se divertissem. Nessa altura ainda não sabia que semanas mais tarde, no dia do circo, um palhaço amigável deixaria entrar sem bilhete.

Despertou do devaneio com duas crianças com um olhar inquisitivo a olharem para si. De repente, sugeriu:

— E se eu vos ajudasse a construir os vossos próprios papagaios?

A cara das crianças iluminou-se de alegria, e extasiadas, disseram:

— Quer vir à nossa casa? Os nossos pais gostariam muito de o rever!

Cândido aceitou, pois desde o início da conversa que a sua curiosidade só aumentava em saber de quem eram filhos estas duas carinhas sorridentes.

Durante o caminho, conversaram sobre a vida de Cândido no Rio de Janeiro e sobre a dos meninos na aldeia, e Cândido percebeu que a infância deles era parecida à que tinha sido a sua.

Aproximaram-se de uma casa pequena e modesta. Era amarela e havia muito movimento no caminho de terra batida que a rodeava. Percebeu que os meninos vinham de uma família numerosa, e lembrou-se dos seus 11 irmãos, do seu pai que apesar de ter emigrado para o Brasil, nunca tinha deixado os seus costumes italianos, e da sua mãe

carinhosa que, mesmo com 12 filhos e trabalho para fazer, nunca perdia o sorriso, e tinha sempre uma palavra amiga a dizer a qualquer pessoa que cruzasse o seu caminho.

A porta da frente abriu-se de repente, e apareceu uma mulher. Era parecida com os meninos, com um cabelo encaracolado cor de caramelo, curto devido ao trabalho árduo que desempenhava enquanto dona de casa. Os olhos pareciam mel, e ganhavam reflexos dourados com o sol. Aquela figura era familiar a Cândido. Fazia-lhe lembrar tardes de verão, e vinha-lhe imediatamente à memória o seu cheiro característico a baunilha. Reconheceu Mafalda. O primeiro papagaio que fizera tinha sido para ela, e num outono há cerca de 20 anos, tinham descoberto juntos o prémio da primeira caça ao tesouro da aldeia, quando estavam em competição com Artur, o seu melhor amigo. Lembrou-se da felicidade dos olhos dela quando viu que Artur tinha ficado para trás, e portanto, que lhe tinha ganho. Interrogava-se quem apareceria a seguir à porta.

Mafalda estava incrédula. Não conseguia imaginar que aquele seu tão querido amigo estava parado à sua frente, com os seus dois filhos gémeos pela mão. Há muito que tinha deixado para trás aquela vida de brincadeiras para se tornar numa mulher responsável e amável, pois assim o exigia ser uma mãe, esposa e dona de casa dedicada, e a sua juventude inconsequente e um pouco irrefletida, em que passava horas sem obrigações deitada sob o Sol poente, ficara há muito para trás. Contudo, aqueles tempos saudosos tinham ficado gravados na sua memória para sempre, e quando andava atarefada a arrumar brinquedos lembrava-se dos seus próprios. Ter ali o primeiro amigo de que tinha memória, que lhe tinha feito um papagaio de papel quando a viu chorosa por não ter um como o seu, era no mínimo um choque. Ele tinha mudado desde os 15 anos, é certo, mas conservava dentro de si um tempo que para Mafalda já estava há muito para trás das costas, e que era refletido nos seus olhos. Por fim, conseguiu exclamar:

— Candinho! És mesmo tu?

Tantas eram as vezes em que se tinha lembrado das suas brincadeiras, e quando um dos filhos a apanhava pensativa, ela passava horas a contar-lhe sobre a sua juventude e sobre os seus amigos, e como, com 15 anos, Cândido partira para o Rio de Janeiro e nunca mais voltara, relato que encerrava com a esperança de que tudo lhe estivesse a correr bem, conforme ele desejara na sua despedida.

Não tinha muito tempo para devaneios, mas antes de os seus filhos irem dormir, gostava de recordar esse tempo com eles.

Depois de o choque passar também a Cândido, que não imaginava que aquela menina que conhecera em tempos estivesse já tão mudada, e fosse dona de uma casa rodeada pela alegria de 5 crianças à sua volta, conforme sempre sonhara, respondeu:

— Mafalda! Que bom ver-te! Encontrei os teus filhos e eles quiseram trazer-me até aqui. Espero não te incomodar.

Enquanto isso, Joaquim e João, após um rápido abraço à mãe, tinham dispersado com António, Filomena e Rosa, os irmãos, que não tinham reparado na presença de Cândido.

Mafalda convidou-o a entrar, depois de garantir que não incomodava nada e que era um prazer tê-lo ali na aldeia outra vez. Passaram horas e horas à conversa, até que um homem apareceu à porta, a resmungar qualquer coisa sobre um Sr. Mateus, que Cândido

viria a descobrir que era o maior proprietário de campos de café da região. Apesar de ter reconhecido Mafalda imediatamente, Cândido estava a ter mais dificuldade em identificar aquele homem que tinha ficado espedado à porta depois de reparar na sua presença. Por algum motivo, sentia que devia reconhecê-lo. Para si, era inconcebível que Mafalda tivesse casado com alguém de fora, pois o seu apego ao que lhe era familiar era bem conhecido por todos. O homem era alto, tinha olhos cor de avelã que transmitiam tudo o que lhe lhe ia na cabeça e que brilharam quando o sol poente que entrava pela janela lhe atingiu em cheio na cara. Mafalda não interrompeu o momento do reencontro de dois velhos amigos, deixando que Cândido o identificasse sozinho. Ele vinha visivelmente afogueado do dia de trabalho na plantação de café, de onde a família tirava todo o seu sustento. Tirou o chapéu de palha que trazia e que lhe protegia a cara do Sol e deu dois passos em frente. Bastou um simples gesto para que Cândido reconhecesse o seu melhor amigo. Do chapéu caiu-lhe um mar de inconfundíveis e familiares caracóis loiros, que apesar dos esforços contínuos, voavam acima da sua cabeça e após 20 anos, uma vez mais, não estavam assentes nela. “Impressionante” — pensou Cândido — “como mesmo depois de anos e anos há coisas que nunca mudam”.

Cândido tinha revivido vezes sem conta ao longo dos anos todos os momentos que tinha passado com Artur. A sua maior dor, a seguir a deixar a sua família, tinha sido deixá-lo a ele, o seu companheiro de todos os dias, que estava sempre ao seu lado, nos momentos tristes e felizes, em quem podia confiar sempre e que o apoiava independentemente da situação, mesmo quando sentia que tinha tudo e todos contra ele. Quando Artur soube que ele queria ir estudar Belas Artes, e que para isso teria que deixar a aldeia, apoiou-o mesmo sabendo que o seu melhor amigo ia partir. Mas tinha que ser. Saber que talvez fosse hora de os seus caminhos se separarem de vez custou umas quantas noites em claro a Cândido, com uma profunda tristeza que jamais admitiria a alguém, nas noites que antecederam a sua partida. Durante 20 anos, embora soubesse que a sua amizade com Artur tivesse sido na infância que já lá ia, não havia um dia em que não pensasse numa das muitas piadas que Artur dizia para aligeirar o ambiente ou para transformar em gargalhadas as lágrimas derramadas por outros às escondidas de toda a gente, mas que de alguma maneira nunca lhe passavam despercebidas.

É impossível descrever o que passou pela cabeça dos dois velhos melhores amigos, separados numa altura em que era mais importante do que nunca que mantivessem uma amizade sólida.

Abraçaram-se, levemente emocionados por voltarem a ser o Candinho e o pequeno Artur, por uma fração de segundo, em vez de Cândido Portinari, o grande artista, e o Senhor Artur, pai dos travessos gémeos mais conhecidos da aldeia, marido de Mafalda e o melhor trabalhador do Sr. Mateus. Certamente que Cândido não esperava vê-lo aparecer àquela porta, com 5 crianças a correr à volta dele, mas também não deixou de pensar que fosse possível. O papel assentava-lhe bem, embora não coincidissem com todos os planos que as suas cabeças de 6 anos tinham feito, tal como dar a volta ao mundo numa canoa que fizeram juntos, e que nunca usariam numa povoação rodeada por campos de café e cana-de-açúcar. Artur tivera que se conformar com o seu destino de lavrador, mas mais importante do que isso, notava-se que era feliz. Cândido seguira outro destino, na altura em que simples desenhos começaram a tomar forma de quadros e, mais tarde, de obras de arte.

Nos dias que se seguiram, Cândido foi uma visita frequente àquela casa, onde esperava compensar o tempo perdido. Visitou também outros dos seus amigos que ainda permaneciam na aldeia, brincou com os seus filhos, almoçou nas suas casas, mas nenhum reencontro tinha o mesmo sabor do que o seu com Artur e Mafalda; nenhuma casa produzia tão alegre ruído como a deles, e ninguém lhe lembrava tão bem da sua já falecida mãe como Mafalda. Entristeceu-o passar pela sua antiga casa e não ver mais a sua mãe à janela, nem sentada no banco à porta a coser, não ver 12 pequenas crianças alegres a correr, nem ouvir um familiar sotaque italiano em qualquer palavra que saísse da boca do seu pai. Porém, essa tristeza foi aligeirada ao ver a casa habitada por velhos amigos seus, que esperavam o primeiro filho, e pensou que quando voltasse mais uma vez a Brodowski, gostaria de encontrar aquela família tão feliz como a sua um dia fora, e como a que Artur alcançara.

Quatro dos seus irmãos ainda ali viviam, e Cândido visitou-os com uma frequência idêntica à que visitava o seu amigo mais próximo. João e Joaquim nunca se esqueceram da promessa de Cândido, por isso decidiram lembrá-lo num certo sábado, depois do almoço:

– Lembra-se que nos ia ajudar a construir papagaios?

Filomena e António, os irmãos mais velhos, entreolharam-se divertidos, pois tinha sido recorrente nos últimos dias ouvir os irmãos a falarem sobre estes brinquedos. Mafalda sorriu, lembrando-se do seu, e Artur comentou:

– Eu já não tenho o meu. Um dia encontrei-o destruído à porta de casa e o Otto sentado ao lado, a olhar para mim com olhos de um cachorrinho abandonado.

Mafalda deu uma gargalhada ao lembrar-se do dia em que encontrou Artur desolado com a perda do papagaio, quando voltou de um passeio com os meninos, ainda os gémeos tinham 4 anos, que era agora a idade de Rosa, a acarinhada bebé da família.

Cândido perguntou:

– E tu, Mafalda? Ainda tens o teu?

Mafalda assentiu:

– Quando vi o que o Otto fez ao do Artur, guardei o meu na cave.

Otto era o cão da família, um pequeno cão travesso que apesar de já ter alguma idade, continuava a comportar-se como um cachorrinho, em parte por acompanhar as brincadeiras dos mais pequenos. A cara dos meninos iluminou-se de alegria ao saberem que a mãe ainda tinha o seu brinquedo de infância preferido. Ela leu as suas entusiasmadas expressões e disse:

– Venham comigo!

Não perceberam se o convite era dirigido apenas aos expectantes gémeos, mas Cândido, movido pela curiosidade de saber qual era o estado em que se encontrava o estimado primeiro papagaio que tinha feito, seguiu-a também, assim como Artur, que encerrou uma alegre fila até à cave. Lá, encontraram brinquedos antigos, roupas, ferramentas que já não eram usadas há anos e materiais de trabalhos manuais, assim como velhos trabalhos de António e Filomena, em que se via o dedo da criatividade duradoura de Mafalda, que já na sua juventude dava mostras. Ao fundo da cave, havia um baú grande. Depois de passarem os olhos por todo o espaço, esse baú saltou-lhes à vista.

– É onde eu guardo tudo o que é importante – explicou Mafalda. Os seus olhos acrescentam: “e que não pode estar à vista porque senão os pequenos destroem”.

Abriu o baú. Mesmo no cimo de tudo o que continha aquele baú, estava uma alegre combinação de cores, com uma fita suave a decorar, e a longa corda bem enrolada. Cândido estava incrédulo. O papagaio, apesar de terem passado anos e de estar visivelmente gasto, ainda era como ele se lembrava de o ter feito. Os meninos insistiam cada vez mais com Cândido para terem os seus próprios e, por isso, ele pediu a Mafalda alguns materiais.

– Estão lá em cima, venham – respondeu ela.

João e Joaquim saltitaram escada acima, quase tropeçando nos degraus, seguidos por Rosa, que partilhava o entusiasmo dos irmãos, embora não percebesse bem o motivo de tanto alarido. António e Filomena, seguindo o seu papel de irmãos mais velhos, seguiram os gémeos controladamente, ajudando Rosa a subir, pois as suas pernas pequeninas não lhe permitiam que desempenhasse essa tarefa sozinha. Os pais fecharam o cortejo, mas Cândido ficou para trás. Aquele papagaio tinha-lhe despertado memórias felizes, e estava parado a contemplá-lo quando decidiu pegar nele. Era frágil, fragilidade essa que aumentava com o passar dos anos. Olhou-o vezes sem conta e, quando o ia pousar, sentiu algo a voar por entre os seus dedos. Sem conseguir identificar o objeto, por causa da ténue luz que iluminava o espaço, baixou-se e tateou o chão em busca do que tinha caído. Encontrou um papel velho, muito velho aparentemente. Mafalda estava à porta, prestes a chamá-lo, quando ele se antecipou:

– Mafalda, vem cá, por favor.

Mafalda chegou perto dele, e, foi-lhe passado uma folha para a mão. Chegou-se à luz, e reconheceu um mapa, idêntico aos que eram partilhados nas antigas Reuniões da Caça ao Tesouro.

– Onde é que encontraste isto? – perguntou, confusa.

– Peguei no teu papagaio e isto caiu dele quando o estava a arrumar.

– Artur! Artur, vem cá abaixo um minuto – chamou ela. Artur apareceu à porta alarmado com o tom inquieto da mulher.

– O que é que aconteceu?

Mafalda explicou a situação, e juntos analisaram o mapa. Decidiram não contar nada às crianças para que não fossem procurar o suposto tesouro, e acabassem metidos em aventuras.

– O que é que vamos fazer com isto? – quis saber Mafalda.

Cândido, pensativo, não respondeu.

– Isso não deve ser nada. Provavelmente uma pista de uma caça ao tesouro que nos escapou na altura – observou Artur. Cândido replicou:

– Não pode ser uma pista porque tem o aspeto que os primeiros mapas de cada semana tinham. E uma pista não estaria tão bem escondida. – Pensou durante mais uns segundos – Parece-me que nos falhou a última caça ao tesouro. E vejam a data. Uma semana antes da minha partida.

Mafalda e Artur entreolharam-se. Sabiam de cor a data da partida do seu melhor amigo, e era verdade que aquele mapa datava precisamente de uma semana antes. Ficaram todos em silêncio. O mesmo passava pelas cabeças de todos: já não tinham idade para brincar à caça ao tesouro, mas aquele mistério não ia ficar por desvendar. Trocaram olhares cúmplices e, em silêncio, decidiram que esta seria a derradeira caça ao tesouro,

que lhes tinha escapado todos estes anos antes. O que lhes queriam dizer os seus falecidos pais nessa altura? O prémio teria prazo de validade?

Depois das crianças terem ido dormir, Cândido, Artur e Mafalda reuniram-se na mesa redonda de madeira a comer bolo feito por Mafalda, que Cândido considerou ser um dos melhores que já comera, e a beber chá. Começaram a discutir planos:

– Bem, este parece ser um mapa da aldeia, como eram sempre os primeiros, que indicavam onde estava a primeira pista.

– Esta parece que está na casa do Sr. Jorge.

Cândido arregalou os olhos:

– O Sr. Jorge? O Sr. Jorge ainda é vivo?

– Sim, é esse mesmo senhor Jorge. - assentiu Artur

O Sr. Jorge na altura já era considerado idoso por toda a juventude da aldeia, um idoso um pouco rabugento por causa da barulheira e do caos que as crianças causavam sempre perto da sua casa, que era ao lado da escola primária. Contudo, Cândido sempre gostara dele, e sabia que era recíproco por um presente que ele lhe dera na altura da sua despedida. Era um pequeno cavalo de madeira, feito pelo Sr. Jorge, que lho entregou dizendo: “É para teres sempre um pouco da tua infância contigo, onde quer que estejas”. Cândido guardou esse cavalo para sempre.

– O que será que vamos descobrir no fim? Será mais uma caixa de guloseimas que por esta altura já estão estragadas? – Artur estava reticente quanto a esta caça ao tesouro.

– Não deve ser. Toda a gente sabia da minha partida na semana seguinte. – contrapôs Cândido.

– Devem ter feito algo de especial, como se fosse a despedida da caça ao tesouro. – corroborou Mafalda.

A Caça ao Tesouro tinha acabado com a partida de Cândido. Como na altura disseram “tinha ido com ele”. Não fazia sentido continuá-la sem ele.

Combinaram então para o dia seguinte, quando as crianças estivessem na escola, ir fazer uma visita ao Sr. Jorge, acompanhados pelo bolo de chocolate da Mafalda, o preferido dele.

Separaram-se com o mesmo pensamento: a Caça ao Tesouro era digna de ter um final, e o ciclo tinha que ser encerrado.

Amanheceu um dia límpido e soalheiro, tal como pede um dia de primavera. O calor começava a fazer-se sentir e o caminho para a casa do Sr. Jorge foi feito com a rapidez característica de crianças ansiosas. Quando chegaram, Cândido sentia-se um pouco apreensivo com o reencontro. Não havia motivo para tal. O senhor Jorge, após uma breve exclamação surpreendida, recebeu com hospitalidade as únicas crianças com quem não resmungava. Apesar de já serem adultos, para o senhor Jorge seriam sempre as suas crianças, os netos que nunca teve. Eles eram a sua família mais próxima, por isso tinha sido difícil para si a partida de Cândido. Artur e Mafalda nunca deixaram de o visitar, e durante todos os preparativos para o seu casamento, há mais de dez anos, o senhor Jorge comportara-se como pai dela, visto que o de Mafalda tinha morrido pouco depois de Cândido sair da aldeia.

Mais uma vez, Cândido constatou que há coisas que nunca mudam, tal como as expressões de surpresa do velho senhor. Tirando isso, fora perdendo o seu sedoso cabelo cor de cacau, do qual tanto se orgulhava, até já só restar um pedaço grisalho de

cada lado. Começou a usar óculos pois assim o exigia a idade, assim como bengala, que Cândido notou que era essencial para que conseguisse andar. Era o mesmo homem de há 20 anos, mas com o peso da idade em cima. Era um senhor mesmo muito velho já. Custava-lhe andar, tossia fortemente a cada 5 minutos, e por vezes esquecia-se do que ia dizer.

Depois de relatada a história, o senhor Jorge estava sem palavras. Porém, conseguiu dizer:

– Há muitos anos, a Domenica – Cândido endireitou-se ao ouvir o nome da mãe – veio cá deixar-me uma caixinha. E disse... – fez uma pausa para tossir – Disse para entregar ao Cândido, à Mafalda e ao Artur... caso viessem perguntar pela pista.

– Ainda tem essa caixa? – perguntaram, inquietos com a possibilidade de virem a descobrir o que as suas mães lhes tinham deixado.

– Lembro-me que na altura a guardei no fundo de uma gaveta, e nunca mais lhe mexi. Pensei que vocês se tivessem esquecido da pista, e eu também... – mais uma pausa – também me esqueci com o tempo.

– Pode ver se ainda a tem? – perguntou Cândido com uma tal ânsia no rosto que despertou um sorriso no Sr. Jorge.

Sem dizer nada, o homenzinho levantou-se com dificuldade. Cada segundo que passava fazia com que um deles, à vez, se remexesse na cadeira, como se estivessem à espera de um diagnóstico médico, e houvesse a possibilidade de receberem a notícia de uma doença terminal.

Os cinco minutos que aguardaram pareceram a cada um deles anos e anos, anos que tinham deixado escapar sem saberem da existência daquela pista.

Passado esse tempo, o Sr. Jorge apareceu à porta do quarto, com uma caixa na mão. A tão esperada caixa estava ali, a pouco mais de 1 metro deles. Sustiveram a respiração quando o Sr. Jorge se deixou cair na cadeira, exausto por estar tanto tempo em pé, e pousou a pequena caixa de madeira na frente deles. Cândido estendeu a mão para a abrir. Levantou a tampa e lá dentro encontraram outro papel amarelado.

O Sr. Jorge entrecortava o silêncio expectante com a sua respiração pesada. Após os amigos terem aberto o papel, o velhote quebrou o silêncio:

– Então? O que é?

– É... Um mapa. Outro mapa – gaguejou Mafalda.

Ao que parecia, aquela era realmente uma caça ao tesouro diferente. Não tinha enigmas que os levavam até ao local da próxima pista, mas cada mapa levava à casa de alguém que tinha outro mapa. Passaram-lhe o pedaço de papel.

– Bem, isto parece-me a casa do Baltasar. O Baltasar morreu há anos, mas a Graça, a mulher dele, e a Isabel, uma das filhas, ainda lá vivem.

Despediram-se do Sr. Jorge, com a promessa de que todos os dias lhe fariam um relato da caça ao tesouro.

Em casa da D. Graça, tudo correu da mesma maneira. Isabel, uma jovem com um cabelo cor de trigo, duas azeitonas no lugar dos olhos e umas longas pestanas, era a bonita professora primária da aldeia, e por isso não estava em casa. Há 20 anos, tinha sido a D. Graça a receber a caixa do mapa, e nunca se esquecera dela. Desta vez foi

Mafalda a abrir a caixa, emocionada, pois quem a tinha ali deixado a caixa tinha sido a sua mãe, Cláudia, de quem a D. Graça falava com saudades e um carinho na voz, por terem sido melhores amigas.

O mapa seguinte conduziu-os a uma casa importante. A D. Susana tinha sido professora deles, por isso, rever aquela senhora com o cabelo preso no alto da cabeça, óculos com armações pretas como usava há já muito tempo, foi como voltar a esses dias de aulas intermináveis, onde tudo o que queriam era estar lá fora a brincar. O tempo passara por ela também. Estava mais baixa, mais magra, mas continuava elegante como sempre. O seu lindo cabelo dourado de outrora, era agora grisalho, como se tivesse apanhado a geada matinal de um dia de inverno e ela tivesse permanecido sobre si, tomando o lugar do loiro que fazia lembrar a luz da primavera. Todos tinham boas memórias dela, e ficaram a conversar com ela até já serem horas de voltarem para casa, para receber as crianças que em breve chegariam da escola.

– Esta pista indica a casa da Carina. A mãe dela e a do Artur eram amigas, por isso deve ter sido ela a deixar lá esta. Nós podíamos vir cá amanhã buscar a próxima enquanto tu – Mafalda dirigiu-se a Cândido – ajudas os meninos a fazer os papagaios. Tens todo o material na cave.

Cândido concordou, pois o dia seguinte era sábado, e tinha que entreter as crianças, que não iriam para a escola.

Mafalda não se enganou. Carolina, a mãe de Artur, tinha mesmo deixado o mapa seguinte com Joana, a mãe de Carina. Depois de o recolherem, voltaram para casa e encontraram os gémeos rodeados de cordas, fitas, canetas e outros materiais, no passeio em frente a casa com Cândido, que parecia ter voltado a ser criança. Estavam todos animados, Cândido principalmente. Pararam as construções assim que viram os pais. Cândido seguiu-os para dentro de casa, enquanto os gémeos foram brincar com a irmã mais nova, que estava farta de estar sentada a vê-los fazerem papagaios, um brinquedo que não lhe despertava grande interesse.

Dentro de casa, Artur e Mafalda mostraram o papel a Cândido, que exclamou:

– A casa do José!

O José era o padeiro da aldeia. Quando tinham 13 anos, José chegou à vila com o pai, que abriu uma padaria. Depois da morte do seu pai, José, ainda jovem, assumiu o lugar. Muitos eram os dias em que, depois da escola, se sentavam com ele na padaria a conversar sobre o dia, e a memória do pão quente e estaladiço que comiam ao lanche tornou-se mais viva do que nunca assim que sentiram novamente aquele cheiro familiar.

Cândido ainda não o tinha ido visitar, pois sempre achou que José sairia da aldeia mais cedo ou mais tarde. José vinha da cidade, e não estava na sua natureza ver as mesmas caras todos os dias, caras essas que o acompanhariam para o resto da vida. Tinha sido em Mafalda e Artur que encontrara os seus confidentes desde que o pai morrera.

Deixaram os meninos com as irmãs mais velhas e caminharam até à padaria. Sucedeu o mesmo que em todas as casas onde tinham ido: surpresa por ver Cândido, incredulidade perante a explicação, e finalmente, a recordação da mãe de um deles a entregar uma caixa pequena naquela casa há 20 anos, mencionando uma pista.

Cândido observou José: ele era o único que estava exatamente igual àquilo que era. Cabelo que lembrava canela, até porque era isso que muitas vezes cheirava, ondas suaves quase inexistentes no seu cabelo curto e olhos de um castanho profundo, como as castanhas do outono. A sua pele era mais a branca que alguém já vira, tal como a farinha que usava na confeção dos variados bolos que vendia e que eram as delícias da aldeia. Tinha a mesma expressão amigável e acolhedora de sempre, embora o tempo já lhe tivesse vincado marcas de dor e solidão profunda.

Despediram-se do amigo e decidiram passar pela casa seguinte, que era a casa do atual administrador da aldeia. Também ele era um velho amigo deles. Ele estava à porta. O seu cabelo cor de carvão via-se ao longe num dia luminoso e os seus olhos que pareciam ter enclausurado o Sol dentro deles, e que fascinavam qualquer pessoa, continuavam tão impressionantes como quando ainda não carregava o peso da responsabilidade em cima, e era apenas um rapazinho bem-humorado e afável, que despertava o riso nas pessoas naturalmente. Ao aproximarem-se, Pedro saltou da cadeira do alpendre para cumprimentar Cândido. Nunca tinham sido muito chegados, mas ter um membro da comunidade de volta, acrescentando a isso, um agora célebre artista que a escola de Belas Artes tinha formado, e que traria com certeza muita fama à aldeia, pois era esse, no fundo, o maior zelo do administrador, era sem dúvida empolgante e digno de atenção. Até porque muitas tardes a apanhar sol na sua pele cor de neve, sentado na sua cadeira do alpendre era entediante e monótono para este presidente do conselho da aldeia, que chegara ao cargo com uma mente ambiciosa e de olhos voltados para o futuro, tendo depressa percebido que os planos criados pela sua entusiasmada imaginação não seriam realizados. Teve então que se conformar com o seu destino: ver as crianças a brincar, as senhoras atarefadas com bebés ao colo a passar pela estrada principal, e, ao fim do dia, os homens a regressarem a casa, exaustos e consumidos por um dia árduo nos campos, visto que era uma comunidade de lavradores.

A paragem seguinte foi o consultório médico do Dr. Tiago. Felizmente, já lá ia algum tempo desde que houvera necessidade de uma visita a este espaço, cruzando-se com o doutor apenas na missa ou na sua casa, onde Mafalda cultivava quase diariamente uma boa amizade com a bela e elegante irmã do médico, que tinha um grande apreço por ela.

Mafalda pediu aos dois homens que regressassem a casa para os filhos não estranharem a demora, e disse que não se importava de recolher a próxima pista sozinha. O Dr. Tiago recebeu-a com a característica expressão profissional de boas-vindas, e enquanto procurava o que a levava até lá, Mafalda tomou um chá com Diana, como era seu hábito, na elegante sala de estar dos dois irmãos, onde sabia que era muito bem-vinda.

Quando viu que a próxima pista indicava o posto dos correios, quase voou até lá. Cumprimentou Luís à entrada, que era o homem moreno e esguio que tratava da correspondência, e seguiu lá para dentro, onde esperava encontrar a irmã dele, Júlia, uma das suas amigas mais queridas. Júlia, a costureira da aldeia, com um cabelo liso cor da terra que rodeava a povoação, olhos que lembravam o café que os homens passavam o dia a lavar, uma expressão que era a personificação da dureza de viver num meio rural, era a filha da aldeia. Pertencia a gerações e gerações de tecedeiras e costureiras, e olhar para ela era como ter um vislumbre dos campos. As expressões do seu irmão eram mais suaves, transmitiam leveza e nos seus olhos bailava um brilho travesso da criança que seria eternamente. Eram confidentes e melhores amigos, e ambos apreciavam ter Mafalda confortavelmente instalada nas suas mantas coloridas feitas por Júlia.

Após mais de meia hora de conversa, saiu dos correios com uma caixa entre mãos, caixa essa que decidiu abrir apenas na presença dos seus companheiros de caça, pois algo lhe dizia que aquela podia muito bem ser a última pista.

Dez minutos depois estavam reunidos na familiar mesa de madeira redonda, a comer o familiar bolo de chocolate da Mafalda, e com um familiar mapa pousado entre eles. Este, em vez de uma cruz vermelha como os outros, tinha uma cruz azul. A cruz azul, se esta caça fosse como as outras, e este mapa como os muitos que eles guardavam na memória, indicava o sítio onde o tesouro poderia ser encontrado.

Mal conseguiram dormir, pois, embora não admitissem, rebentavam de curiosidade. Na manhã seguinte, depois de Diana, que não tinha filhos embora quisesse, ter afirmado que era com todo o gosto que ficava com os meninos por umas horas, Cândido, Artur e Mafalda dirigiram-se para a casa do Sr. Jorge, como prometido, para o manter a par da caça.

– Sabe onde é isto? – Cândido passou o mapa ao senhor. Ele sorriu.

– Sim... isso é um descampado... mas tem uma árvore da qual vocês gostavam muito em crianças.

Fez-se luz na cabeça de Mafalda, Artur e Cândido. Era A Árvore. A árvore deles. Onde era feita a Reunião Semanal da Caça ao Tesouro. No ponto de partida.

Correram até lá. Cândido pensou: “Foi mesmo aqui que tudo começou”. Ali era o seu antigo ponto de encontro. Tinha sido ali que, há uma semana, Cândido encontrara dois gémeos a correr desalmados, que tinham sido o caminho para o seu reencontro com Artur e Mafalda, e graças a eles e aos papagaios de papel, chegavam agora aquele sítio. Desde sempre que aquela árvore tinha um buraco no tronco, onde muitas vezes as crianças da escola escondiam presentes umas para as outras. Dirigiram-se para lá sem pensar. Artur sempre estivera reticente quanto a esta aventura, mas agora sentia uma ansiedade crescente que não conseguia explicar. As memórias da sua infância tinham voltado em força. Durante todo este tempo, Artur evitara pensar nela. Não tinha sido fácil viver a adolescência longe do seu melhor amigo, tendo sido Mafalda a única que o compreendera durante todos estes anos, enquanto todos lhe diziam que Cândido era agora um famoso artista que já nem se lembrava dele, rodeado das distrações da grande cidade. Seguindo o conselho dos que o rodeavam, esse tempo tinha sido enterrado debaixo da terra, para que Artur nunca mais sentisse essa dor, ou assim pensava ele, apesar das advertências de Mafalda para que nunca enterrasse o melhor amigo. Cada pista tinha agido como um fragmento de terra retirado de cima dessa memória, e embora tentasse esconder o que lhe ia na alma, Mafalda compreendia-o para além das palavras, e foi com o seu apoio que aguentou noites a fio com os olhos secos como a areia do deserto.

Os três em conjunto dirigiram uma mão trémula ao pequeno baú, invisível para as suas mentes alheadas durante tantos anos. Abriram-no. Lá dentro, não reluzia uma montanha de moedas douradas como nas histórias, mas o que viram atingiu-os como se tivesse sido isso que encontraram. Era um pedaço de papel, mas não como o que estava nos outros baús. Continha a caligrafia do Sr. Jorge, que eles conheciam bem por muitas vezes os ter ajudado na matemática depois das aulas.

No papel, constava o seguinte texto:

“Nunca se esqueçam que, apesar de a vida vos poder separar fisicamente, a vossa amizade estará sempre viva na memória de cada um.”

Em baixo desta mensagem, três envelopes: um endereçado a Cândido, outro a Mafalda e outro a Artur. Perceberam imediatamente que eram mensagens das falecidas mães de cada um, as guardiãs da Caça ao Tesouro da aldeia. Guardaram-nas para lerem quando estivessem sozinhos. Havia ainda mais dois objetos no fundo da caixa. Dois cavalinhos de madeira idênticos ao que o Sr. Jorge tinha oferecido a Cândido antes da sua partida. Não relacionaram imediatamente que o Sr. Jorge podia estar envolvido em tudo isto, mas quando a névoa se dissipou das cabeças de cada um, eles compreenderam. Era óbvio que o Sr. Jorge estava envolvido. Daí ter a primeira pista, assim como a localização exata do baú, e os dois cavalinhos de madeira, que quando percebeu que os meninos não os encontrariam antes da partida de Cândido, decidiu entregar-lhe o seu em mãos.

Regressaram à vila, em silêncio, cada um perdido nos seus pensamentos. Caminharam para casa do Sr. Jorge, mesmo sem saber porquê e sem terem combinado nada entre eles.

Bateram à porta. Silêncio do outro lado. O mesmo sucedeu por 3 vezes, até que começaram a ficar inquietos e decidiram entrar. A sala estava deserta. Entroolharam-se e avançaram para o quarto. O Sr. Jorge estava deitado. Mafalda assustou-se com a sua palidez; recuou dois passos e refugiou-se atrás de Artur. Cândido avançou. Tentou despertá-lo. Ele abriu os olhos ligeiramente, e olhou-os. Sorriu, e murmurou impercetivelmente “missão cumprida”. Não houve tempo para explicações, nem ninguém achou que fosse adequado ao momento. Cada um despediu-se em silêncio do velho homem que tinha aguentado anos e anos para encerrar a Caça ao Tesouro. Mafalda usou toda a velocidade que o seu corpo lhe permitia até ao consultório do Dr. Tiago. Ele voltou-se assim que ela entrou, e correu a acudi-la. Entre soluços, lágrimas e pausas, Mafalda conseguiu explicar o que via, mas colapsou nos braços do médico depois de ter terminado o seu relato.

Tinha os olhos ainda entreabertos, quando na sua cabeça se misturou uma estranha combinação de ondas loiras e do inconfundível relógio azul do Dr. Tiago. Agarrou a primeira mão que sentiu, e foi uma sorte não ter voltado a desmaiar com a tontura. Não sabia onde estava, não sabia quem tinha à sua volta, estava confusa. Lentamente, começou a reconhecer Artur e o Dr. Tiago. O doutor examinou-a rapidamente, preocupado com a sua saúde e com algo mais que Artur viria a saber umas semanas depois. Atrás de Artur apareceu uma mulher de cabelo castanho, liso e comprido, que Mafalda demorou a reconhecer. Era a parteira da aldeia, que ajudava o Dr. Tiago sempre que era necessário uma enfermeira.

Seguiram-se os procedimentos habituais. O Sr. Jorge foi enterrado dois dias depois, com Mafalda restabelecida do desmaio. Porém, não parava de chorar. Toda a aldeia sabia da sua dor, e admiravam o esforço hercúleo que fazia para se controlar em frente aos filhos. Mafalda sofreu. Sofreu muito. Perdera o seu segundo pai. Cândido estava frustrado por não a conseguir ajudar, porque há 25 anos, Mafalda ficara feliz com um papagaio de papel oferecido por si. Desta vez não seria assim, e um papagaio de papel não a consolaria. Mafalda chorava de noite, chorava em casa quando os filhos não

estavam por perto, e muitas vezes tinha que sair intempestivamente porta fora e afastar-se a correr. Estava desalentada. Artur dava o seu melhor, fazia o que podia, mas sentia que estava a falhar para com Mafalda. Não a conseguia ajudar, e, embora pudesse secar as lágrimas dos seus olhos, não conseguia secar as do seu coração. Ela passava dias a vaguear pelos campos, pelas estradas, pelo cemitério. Não falava com ninguém, e evitava toda a gente ao máximo. Artur desabafou com Cândido ao fim de uma semana:

– Não sei o que fazer. Quer dizer, sei. Sei que não posso fazer nada e isso é o mais frustrante.

Artur sentia-se impotente, assim como Cândido, embora o sofrimento de Artur em ver a mulher perder a alegria com que sempre encarara a vida fosse muito maior. Até os filhos já tinham reparado, mesmo que Mafalda disfarçasse o melhor que podia.

Ao fim de mais uma semana, o Dr. Tiago apareceu à porta de casa de Mafalda. Ela estava sozinha e a expressão dele demonstrava uma grande inquietação. Vê-la assim deixava qualquer um abalado. Tinha perdido a alegria que brilhava nos seus olhos. Tinha perdido o ar satisfeito e bem-humorado com que encarava os dias. Estava absolutamente desfigurada, olhos inchados, cabelos em desalinho, com caracóis a saltarem-lhe do lenço preto que passara a usar. A casa estava triste juntamente com ela. A alma dela estava na sombra, e Mafalda já nem se esforçava a disfarçá-lo.

– Mafalda, preciso de falar contigo. Não sei se é a melhor altura para te contar esta notícia, e ponderei muito antes de aqui vir, à espera do momento certo, mas a minha irmã encorajou-me, achando que isto te devolveria a alegria. – despejou de uma vez.

Pela primeira vez em semanas, Mafalda sentiu algo que não tristeza. Sentiu curiosidade em saber o que lhe queria Tiago dizer, o que já era um começo para sair da espessa neblina em que se tinha afundado, ainda para mais se a sua querida Diana que a conhecia tão bem achara que a notícia que o irmão lhe trazia a faria mais feliz. Depois de o ouvir, tudo mudou. A sua expressão, os seus olhos disseram tudo. Sentiu uma verdadeira e pura felicidade. Tiago ponderou ficar com ela até Artur chegar, mas concluiu que não seria necessário. Mafalda, num minuto, passou de devastada a jubilante. Foi assim que, após um dia longo de trabalho, Artur a encontrou. E foi assim que, depois de um longo caminho até casa com receio do estado de espírito da mulher, e da longa noite de lágrimas que o esperava, descobriu o motivo da arrebatção da mulher. Iam ter mais um filho. Não importava quantos fossem, receber esta notícia tinha sempre o mesmo impacto nos dois. Abraçaram-se. Para Mafalda, este bebé era algo mais do que “mais um filho”. Tinha-lhe salvo a vida. Tinha-a resgatado de uma profunda depressão. Pela primeira vez em noites e noites, Mafalda não derramou uma lágrima. Demorou a adormecer, mas por causa de uma alegria que tinha tomado o lugar da desolação de outrora.

No dia seguinte, Mafalda foi passear pela aldeia. Uma Mafalda diferente da das últimas semanas. Cumprimentou toda a gente, e fez um desvio intencional do caminho principal para agradecer a Tiago a notícia que lhe tinha levado ontem.

– Não tens que me agradecer. Gostava apenas de te examinar só para garantir que está tudo bem.

Estava tudo bem. Mafalda saiu do consultório e atravessou a rua para entrar na mercearia. A mercearia pertencia a Alberto, um homem com cabelo encaracolado da cor das penas de um corvo e olhos expressivos da mesma cor. Quis saber todas as

novidades, e Mafalda contou-lhe sobre o bebé. A eles juntou-se Sofia, a sua irmã, idêntica a si em tudo, até no temperamento espirituoso e atrevido. Sofia era a editora do jornal da aldeia, e partilhava o espaço de trabalho com o irmão.

Quando saiu da mercearia, avistou ao longe Ana e Teresa, as proprietárias do restaurante. Eram cozinheiras exímias que deleitavam a povoação. Todos repararam que Mafalda estava restaurada, e perguntavam-se o que teria acontecido devolvido a alegria a Mafalda de um dia para o outro. Depois de partilhar a boa notícia com Alberto e Sofia, rapidamente toda a aldeia ficou informada. Alguns felicitaram-na, outros apenas a olharam, felizes por a Mafalda que era a alma da vila estar de volta.

Cândido soube logo depois de Artur. Desta vez, o papagaio de papel não tinha ajudado a curar feridas da alma, mas estava radiante por vê-la deixar a sua tristeza para trás. Nessa tarde, Cândido acabou, em conjunto com João e Joaquim, os papagaios de papel que tinha começado a construir para eles. Um vermelho e um azul, segundo as suas cores preferidas. Ocupou-se durante mais meia hora, sozinho, enquanto os gémeos lanchavam. Apareceu então à porta com um outro papagaio de papel, verde. Entregou-o a Mafalda:

– Este é para o teu bebé. Quando nascer e anos mais tarde estiver triste, dá-lhe e fala-lhe dos nossos papagaios e como nos alegraram sempre que precisámos. Mafalda agradeceu o gesto, e decidiu ali mesmo que Cândido seria padrinho do seu filho.

Depois de mais um mês, Cândido regressou ao Rio de Janeiro. Prometeu voltar, e Mafalda e Artur sabiam que o tempo que estariam separados seria menos difícil do que a despedida de há 20 anos. Tinham os seus cavalos de madeira, deixados pelo Sr. Jorge naquela caixa, ou, no caso de Cândido, que o Sr. Jorge lhe entregara em mãos na sua primeira despedida. Tinham também belas memórias destes últimos meses, bem como as cartas das suas mães, guardadas durante anos. Talvez devessem ter sido lidas na altura, talvez estivessem a ser guardadas para agora, mas o que leram nelas chegou no momento certo.

Cândido voltou. A sua vida estava mais gravada na aldeia do que na grande cidade. Voltou quando o filho de Mafalda estava para nascer. Não queria perder os primeiros tempos de vida do único filho de Mafalda e Artur de quem iria ser padrinho e que iria acompanhar, e arrependeu-se de não ter voltado muitos anos antes para estar presente nos primeiros meses dos mais velhos.

Quando o bebé nasceu, era um menino lindo e saudável, que Tiago e a parteira Luísa tiveram grande prazer em anunciar aos expectantes aldeões que esperavam a notícia. Não houve dúvidas quanto ao nome, pois Mafalda já tinha decidido há muito que seria Jorge.

Cândido ficou radiante. Esperava ansiosamente pelo dia em que o ajudaria a usar o seu papagaio de papel. E foi assim que aconteceu, 7 anos depois, quando todos os seus irmãos já eram crescidos. Mafalda e Artur instauraram novamente a Caça ao Tesouro na aldeia, uma tradição que esperavam que passasse ao longo de gerações. Cândido voltava à sua terra com uma frequência admirável, e teve todo o gosto em reviver a sua infância através de Jorge. E esperava fazê-lo durante os anos que viriam, e sempre que o menino precisasse de si.



De Lara Esteban, 6º E  
Escola Básica das Piscinas

## **A Nova Atração do Circo**

**De Kairu Duncan – 9.ºA**

**Escola Básica das Piscinas**

Tudo começou no ano de 1932, quando um circo acabou de chegar à minha cidade. Bem, eu já não me lembro do nome da cidade, mas lembro-me bem de como era: um lugar pobre, com falta de alimentos, poucos recursos e grandes terrenos vazios, quase sem árvores nem relva.

O circo chegou anunciando uma grande apresentação de duas horas, marcada para dali a três semanas. O bilhete custava cinco libras, um valor altíssimo, pois quase ninguém conseguia pagar tanto dinheiro. Para juntar essa quantia, seria preciso trabalhar três meses ou até mais. Eu queria muito ir, então pedi aos meus pais, mas eles recusaram. As nossas condições financeiras eram más; muitas vezes nem dinheiro havia para comprar carne ou vegetais. Foi então que me lembrei da minha caixa económica, onde eu guardava dinheiro desde o verão. Fui ao meu quarto, peguei num martelo e abri-a. Lá dentro havia muitas moedas, contei-as todas, mas o valor não chegava nem perto do necessário: eu tinha apenas 0,85 libras. Nem para um almoço completo aquilo servia. Perdi toda a esperança, até que ouvi o meu burro a zurrar no quintal, com aquele som estranho: “im, im, im”. Nesse instante tive uma ideia. Pensei em vender o meu burro ao circo, já que era um animal que eu e os meus pais encontrámos no meio da estrada algum tempo antes.

No dia seguinte, depois de ajudar o meu pai a trabalhar na horta — que mal produzia alimentos — fui ao circo com o burro. Expliquei a minha situação financeira e disse que queria vendê-lo para poder ver o espetáculo. No início, os donos do circo gostaram da ideia, mas perguntaram se o burro fazia algum truque. Não lhes podia mentir, então disse que não, mas prometi que o treinaria em três semanas. Eles aceitaram.

As três semanas passaram e eu tinha feito o meu melhor... mas o burro não tinha aprendido absolutamente nada. Nervoso e com vergonha, fui ao circo no dia combinado. Quando cheguei, os donos pediram para ver o truque. Eu não sabia o que fazer. Foi então que, do nada, o burro começou a andar em duas patas, a dar voltas e a fazer vénias para as pessoas. O público começou a rir e a aplaudir. Eu fiquei em choque. Os donos do circo ficaram maravilhados e disseram que nunca tinham visto um burro assim. Nesse momento, percebi que o burro só precisava de público para mostrar o que sabia fazer. Eles pagaram-me mais do que o combinado e ofereceram-me um bilhete gratuito para o espetáculo.

Naquela noite, assisti à apresentação sentado na primeira fila, com um sorriso no rosto. O meu burro tornou-se a nova atração do circo, e eu aprendi que, às vezes, as melhores soluções aparecem quando menos esperamos.

## **Entre a Alegria e o Silêncio**

**De Lia – 9.ºA**

**Escola Básica das Piscinas**

O circo chegou à aldeia numa manhã fria, quando as ruas ainda estavam quase vazias. As carroças avançavam devagar pela estrada de terra, fazendo barulho nas pedras. Dentro delas vinham os artistas, os animais e todo o material necessário para montar o espectáculo. Algumas pessoas pararam para observar, mas foram as crianças que ficaram logo entusiasmadas e começaram a seguir o circo.

O terreno escolhido ficava um pouco afastado das casas. Durante horas, os artistas trabalharam sem parar. A grande lona foi levantada com esforço e, pouco a pouco, o espaço transformou-se. Onde antes havia apenas terra e pó, começou a surgir um lugar diferente, cheio de cor e expectativa. Dentro do circo, o ambiente era calmo. Cada artista preparava-se à sua maneira, concentrado no que iria fazer mais tarde.

O palhaço sentou-se em frente a um espelho antigo e começou a pintar o rosto. O sorriso era grande e exagerado, mas os olhos continuavam sérios. A equilibrista alongava-se em silêncio, lembrando-se das muitas actuações que já tinha feito. O músico afinava o instrumento, repetindo a mesma música de sempre, como se isso lhe desse segurança.

Quando a noite caiu, as luzes do circo acenderam-se. As pessoas começaram a chegar e a ocupar os seus lugares. O espectáculo começou com música e movimentos rápidos. O público ria, batia palmas e esquecia os problemas do dia a dia. Durante alguns momentos, parecia que tudo era alegria e diversão.

Os artistas davam o melhor de si em cada número. O palhaço fazia o público rir com as suas quedas e gestos exagerados. O acrobata voava pelo ar, arrancando suspiros. Os animais obedeciam aos treinadores, fazendo parte daquele mundo diferente. No entanto, por trás dos aplausos, existia muito esforço e cansaço. A vida no circo não era fácil, mas era a única que conheciam.

Depois do espectáculo, o circo ficou em silêncio. O público foi embora satisfeito, comentando o que tinha visto. Os artistas sentaram-se no chão, cansados, mas aliviados por mais uma noite ter corrido bem. O palhaço limpou a maquilhagem e ficou com um rosto comum, longe da personagem alegre que todos conheciam.

Na manhã seguinte, ainda antes do sol nascer, o circo começou a ser desmontado. A lona desceu lentamente, as carroças foram carregadas e os animais preparados para a viagem. As crianças da aldeia acordaram tarde demais para se despedirem. No terreno, ficaram apenas marcas no chão e lembranças.

O circo partiu em silêncio, seguindo para outro lugar. Levava consigo histórias, sonhos e uma vida feita de movimento. Mesmo sem ficar muito tempo em cada sítio, deixava sempre uma marca em quem o via passar.



**De Diogo Lopes**  
**Escola Básica das Piscinas**



**Kamila Shcherbaak – 9º C**  
**Escola Básica das Piscinas**

## O Tempo de Brincar

De Tejas Singh – 6.ºD

Escola Básica das Piscinas

Era uma vez duas crianças chamadas Jeff e Joe que viviam com a sua família numa bela casa na floresta. A casa tinha grandes janelas que deixavam entrar a luz do sol e, ao redor, árvores altas que pareciam contar histórias antigas sempre que o vento soprava. Jeff e Joe adoravam aquele lugar. Cada trilho escondia uma nova aventura e cada dia parecia trazer algo especial.

Numa tarde nublada, os dois irmãos foram para o seu espaço favorito, um grande campo aberto rodeado por relva macia. O nevoeiro cobria o chão e o céu cinzento refletia a calma daquele momento. As crianças corriam pela relva, enquanto brincavam com os seus papagaios de papel, um azul como o oceano e o outro vermelho como o pôr-do-sol. Os papagaios de papel, subindo e descendo no céu em movimentos suaves, guiados por pequenas mãos, mas cheias de alegria. O vento soprava suavemente, trazendo o cheiro da terra e o canto dos pássaros escondidos nas árvores. Por alguns momentos, o mundo parecia perfeito. Não havia pressa, nem preocupações, apenas risos, passos e o som das cordas dos papagaios de papel cortando o ar.

De repente, uma forte rajada de vento surgiu sem aviso: *Whoosh...* O céu parecia mover-se e as cordas escorregaram das mãos de Jeff e Joe. Eles tentaram correr e gritar os nomes um do outro, mas foi em vão. Em poucos segundos, os papagaios de papel foram levados pelo vento, girando descontroladamente até desaparecerem na névoa espessa. O vento frio continuava a soprar e o campo, antes cheio de vida, ficou mais silencioso. As risadas cessaram, substituídas por um estranho vazio. Perder aqueles papagaios era como perder uma parte de suas almas. Não eram apenas brinquedos, mas pedaços daquela tarde feliz, símbolos de um momento que nunca voltaria exactamente da mesma forma.

Jeff ficou parado, ainda segurando a linha solta entre os dedos, enquanto Joe olhava para o céu vazio. Por alguns segundos, nenhum dos dois disse nada. Jeff ergueu o rosto e sorriu levemente, como se tentasse segurar a memória antes que ela também desaparecesse.

- Pelo menos agora eles estão livres... – Disse o Jeff. Joe enxugou o rosto com a manga da camisa e sorriu-lhe de volta.



**De Isabella – 7º D**  
**Escola Básica das Piscinas**

### **Pipas a Voar**

**De Ricardo Vargues – 8.ºD**  
**Escola Básica das Piscinas**

Começava a escurecer e, já no sítio onde ambos se reuniam diariamente, ainda nem sinal de Davi.

De todo o mundo, aquele era o seu sítio preferido; um caminho em terra batida cortava ao meio todo aquele paraíso natural, o cheiro da relva verde que se espalhava ao final da tarde, o canto soprano dos pássaros lá em cima, naqueles tão altos e imponentes troncos de madeira que se cobriam de folhas com vários tons de verde; não havia dúvidas de que se pudesse, passaria ali todo o resto da sua vida.

Ao fim do que pareceram mais de quinze minutos de espera, Davi lá se dignou a aparecer. Vinha com o mesmo ar cansado, que contrastava com a sua cara fresca e jovem; na mão trazia a sua habitual pipa vermelha meio rasgada.

Cumprimentaram-se, e começaram a jogar o seu jogo preferido, um jogo que eles inventaram que consistia em fazer voar as suas pipas o mais alto possível; enquanto o faziam falavam e lamentavam-se do dia de cada um.

A pouca luz que ainda sobrava começava a não ser suficiente, logo, começaram a andar lado a lado para as suas próprias casas. Mesmo que, para nenhum dos dois, aquilo pudesse ser chamado de “casa”.

O dia de Gabriel começava sempre da mesma maneira; de manhã cedo o cheiro dos primeiros grãos de café que emanava do ar, juntamente com os primeiros raios de sol que se entranhavam por entre as rachaduras da fazenda, forçavam-no a acordar dos seus sonhos e pôr-se a trabalhar. Antes de ir deu um beijo à mãe e rezou por ela.

Desde manhã até ao final da tarde, sem direito a mais do que as refeições básicas, punha-se no campo a trabalhar nos campos de café, juntamente com todos os outros escravos deprimidos; desde há dois anos que a mãe de Gabriel havia adoecido e encontrava-se em estado terminal; fizera assim um acordo com o senhorio da fazenda, em como este lhes forneceria alimentação básica e abrigo, se este se comprometesse a desde manhã até à tarde, trabalhar na sua fazenda. Assim o fizera, sempre sentira uma muito forte ligação e apego às outras pessoas, e mesmo que a mãe não lhe pudesse demonstrar o seu amor, ele amava-a com todo o seu ser.

«Toda a acordar ! É para trabalhar, seus acabados ! Olhem que vão apanhar chibatada ! » Era assim que Davi acordava diariamente; ele e o seu pai que se encontrava na mesma caserna, eram arrancados, juntamente com todos os outros vinte homens que lá se encontravam, do chão, valendo menos que os burros, para se porem todos a caminho dos campos de café. Ali não havia amor nem piedade, levava as habituais cinco chicotadas, e começou a trabalhar.

Ao meio dia era quando custava mais, o sol causava-lhes um ardor intenso, que em conjunto com as chicotadas do guarda do campo, faziam da sua vida um inferno.

Ali não existia nenhum contacto com mulheres, e já não via a sua irmã há cinco anos; o seu pai não se podia dizer que fosse um homem duro, era apenas um homem acabado, cuja mulher, mãe dos seus dois filhos, morrera antes de Davi nascer. Viver ali era duro, e Davi tinha de ser esperto, pois ali ninguém se entreadjudava, era escravo contra escravo, preto contra preto, o que fazia dele alguém que não se abria, os seus sentimentos estavam mais trancados do que um cofre no fundo do oceano.

Ao fim do dia era quando se fazia a contagem de café de cada um, que caso fosse inferior a 200 peças seriam alvo de uma punição humilhante e fria; passada a contagem conseguia esgueirar-se, agarrava na sua pipa e ia ter com Gabriel.

E assim o tempo foi passando, sempre a mesma rotina, sempre os mesmos dias iguais, sem quebras, sem folgas; e assim lá foram dias, semanas, meses, anos...

Atirou o primeiro punhado de terra para cima do corpo, fazendo-o acertar na cara da mãe. Ao fim de tanto tempo acontecera...Perdera a sua âncora, o seu objetivo, a sua esperança. Não sabia o que estava a sentir; não conseguia assimilar aquele momento, a sua mente estava a mil, mas os seus pensamentos estavam em branco.

Como se um raio lhe tivesse caído em cima, caiu de joelhos no chão, e chorou, gritou, rezou com todas as suas forças, não percebia porque é que aquilo estava a acontecer. Será que o mundo poderia ser mais injusto que isto ??

Enquanto escravo e órfão estava perdido; enquanto rapaz, estava acabado...

Para Davi as coisas não corriam muito melhor. Ao longo da sua amizade, sempre se apoiaram um no ombro do outro quando as coisas não estavam bem. Até se pode dizer que o seu bem-estar dependia da sua amizade; uma relação frágil e precária, mas com a qual sempre puderam contar.

Gabriel não apareceu um dia; não apareceu noutro; e a seguir a esse...

A vida de Davi não era fácil, e mesmo com a sua personalidade e feitio difícil, a sua relação com Gabriel era um escape com o qual sempre pudera contar; não era a vida perfeita, longe disso, mas era uma vida com a qual podia partilhar o seu sofrimento com alguém. Esse alguém era Gabriel, sempre fora Gabriel, e agora, um vazio tomou conta desse lugar, lugar esse do qual Davi dependia.

Os seus dias começaram lentamente a desabar; começava a ser difícil encontrar um motivo para acordar, chegou até a ter pensamentos suicidas, a sua meta diária de café começava aos poucos a cair de dia para dia.

Quarta-feira; o último dia desse mês.

Gabriel estava de rastos, o seu habitual ar alegre foi substituído por uma cara melancólica e triste, parecia que cada dia desde a morte da sua mãe lhe ficava gravado nas faces suaves em forma de rugas. Desde esse dia deixou de trabalhar; tinha encontrado um esconderijo guardado pelos seus antigos colegas de caserna. Passava praticamente o dia todo a chorar, quando não chorava rezava, quando não rezava comia a pouca comida que os seus colegas conseguiam guardar.

Há já muito tempo que não via Davi, não por não gostar dele, mas por não ter vontade de fazer nada, para ele a vida perdera a sua luz... Nesse dia, no entanto, acordou a sentir uma coisa que nunca tinha sentido, um pensamento do qual não se conseguia libertar, ele tinha de ver Davi, tinha de lhe dizer o que sentia; começou a correr...

O último dia do mês significava que nessa tarde Davi teria de apresentar a sua meta mensal de trabalho, que era extremamente baixa. Não se esforçou minimamente nesse dia, pois sabia que não faria diferença alguma; começando a preparar-se mentalmente para a sua punição.

O dono gritou como nunca gritara na vida, estava vermelho que nem um tomate, e a sua raiva só seria aliviada quando castigasse Davi, quando magoasse Davi, quando o visse sofrer às suas mãos. «Tu! Tira a roupa!» ordenou-lhe. E ele obedeceu. Estava com medo e, receoso, começou a despir-se.

Tirou a t-shirt, revelando um tronco subdesenvolvido e magro, ao tirar os seus calções, revelou uns espetos quase sem carne que eram as suas pernas. Encostou-se de barriga virada para um enorme tronco de árvore, onde os escravos recebiam os seus castigos corporais.

O seu corpo despido condizia com os tons castanhos da árvore, o seu tom de pele era uma espécie de moreno clarinho com uns traços acastanhados. O seu castigo não seria nada mais, nada menos do que quinze chicotadas no seu corpo nu.

Enquanto o chicote atingia o seu corpo magro e fraco, este contorcia-se de dor; durante as primeiras cinco chicotadas tomou uma decisão...

Qual era o sentido da sua vida, mas a quê que a esta o prendia; o seu único alívio era Gabriel, ele era a única coisa boa que possuía, e este havia desaparecido.

Num gesto ágil, desprendeu-se do tronco e fugiu; correu, correu como nunca corra antes. O seu ser despido ia, como se a sua vida dissesse dependesse, ao encalço de Gabriel. Coincidência ou não... Não sabemos...

Gabriel chegou primeiro que Davi; ao longe, viu a sua silhueta despida a correr na sua direção.

Quando se cruzaram, abraçaram-se, um abraço longo e profundo.

–Davi...Eu tenho de lhe dizer uma coisa...Eu gosto de ti...

Durante um momento nenhum dos dois reagiu...

–Gabriel...Eu também gosto de ti.

A partir do nada, um calor intenso invadiu-os; beijaram-se...

Na vida de ambos nunca sentiram um sentimento daqueles; passados tantos anos, a vida havia perdido o seu peso. Deixando-os, finalmente, voar... Voaram mais alto e mais longe do que alguma vez as suas pipas haviam chegado. Voando para bem longe dali...



**De Jasmin Siqueira – 9º C  
Escola Básica das Piscinas**

## **A Guerra de Chocolates**

**De Carolina Savostin – 6.ºA**

**Escola Básica das Piscinas**

Há muito tempo atrás, num país mágico cheio de doces e chocolates, vivia um rapaz de 14 anos e o nome dele era Santiago. A sua família era gigante, ele tinha 5 irmãos, 3 primas, etc. Num sábado, o pai acordou-o dizendo:

- ACORDA!!! Temos que sair deste país!

O Santiago levantou-se e perguntou: “Pai, o que é que se passa?” O pai não respondeu. O Santiago levantou-se e olhou para a janela. A cidade inteira estava cheia de cavaleiros com armas de chupas e espadas de caramelo. Ele virou-se para o pai:

- Pai, porque é que a cidade esta cheia de cavaleiros e o que é que estão aqui a fazer?

- O nosso país está em guerra de chocolates e os cavaleiros são muito maus. Por isso temos que sair daqui. – Disse o pai.

O Santiago e a família dele saíram de casa e correram para o carro. Santiago lembrou-se que se esqueceu do saco com chocolates, então voltou para a casa. Quando regressou, o carro com a família já não estava lá e o Santiago ficou muito nervoso. De repente, um homem estranho com máscara agarrou nele e levou-o para um sítio desconhecido. O Santiago perguntou ao homem:

- Quem és tu e porque me trouxeste aqui?

- Eu sou um cavaleiro de algodão doce e estou a salvar as vidas das crianças. – Respondeu o desconhecido.

O cavaleiro vestiu-lhe um uniforme de gomas e preparou-lhe um cavalo. O Santiago perguntou-lhe:

- Porque é que eu preciso desta roupa?

- É uma proteção, agora tu vais lutar. Eu levo as crianças para elas lutarem contra cavaleiros de chocolate porque o nosso país não estava pronto para a guerra, mas as crianças são muito criativas e com certeza conseguem inventar um plano para vencer! – Respondeu o cavaleiro.

Como o Santiago era esperto o plano já estava feito. Ele pegou no saco com chocolates e fez uma bomba. O Santiago montou o cavalo e mandou a bomba dele. Após 5 segundos ela explodiu e o país todo ficou cheio de chocolate. Depois, a guerra de chocolates acabou e o Santiago voltou para a família dele. Mesmo assim, ele continuou a ser amigo do cavaleiro e a vida deles continuou sem guerras e todos ficaram muito felizes.



**De Kostiantin Stadnichuk – 9º C**  
**Escola Básica das Piscinas**



**De Kaira Ducan**  
**Escola Básica das Piscinas**

## O Burro e o Palhaço

De João Marques e Lourenço Sousa – 8.ºA  
Escola Básica das Piscinas

Numa primavera, o Circo das Bandeiras foi a uma vila no meio de uma grande planície. A vila era muito pobre e todas as suas casas eram feitas de pedra cobertas de musgo e com os telhados a cair. Horas antes de o circo abrir as suas portas, o palhaço e o seu burro foram fazer publicidade e percebem que ninguém na vila sabia o que era um circo. O palhaço reúne as crianças e dá um bilhete a cada.

Quando chegou o dia, o palhaço reparou que as crianças acabaram por não ir e foi falar com os seus colegas. Após a conversa chegaram à conclusão de que ou as crianças estavam a ajudar os seus pais ou algo de errado se passava. O palhaço, que não é detetive, mandou o seu burro averiguar as zonas suspeitas da vila. Enquanto esperava, foi retocar o seu sorriso vermelho e a palidez da cara.

Com o tempo começou a achar estranha a demora do burro e ele próprio decidiu ir averiguar a zona mais suspeita, o armazém. Quando se aproximava, começou a ouvir barulhos estranhos e por preocupação chamou a polícia, pois ele não sabia o que se estava a passar.

Assim que entram no armazém viram que estava cheio de crianças a trabalhar contra a sua vontade! O palhaço viu o dono do circo lá dentro e confrontou-o. O dono do circo disse ao palhaço que se ele não dissesse nada poderia ficar com parte do dinheiro, mas este recusou e disse-lhe que a polícia estava lá fora à espera dele. O dono do circo não se rendeu sem uma luta tendo lutado e perdido contra o palhaço.

O dono do circo foi preso, as crianças foram ao circo e divertiram-se imenso, mas infelizmente o palhaço perdeu o seu burro, pois acabou por não ser encontrado!...



De Henrique Neves  
Escola Básica das Piscinas

# AGRADECIMENTOS

Um projeto com o apoio e financiamento da:



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO

dgARTES  
DIREÇÃO-GERAL  
DAS ARTES

**CCB – Centro Cultural de Belém**  
**Associação Cultural Candido Portinari / Projeto Portinari**

**Participaram neste projeto:**

**Agrupamento de Escolas Piscinas-Olivais**

**Agrupamento de Escolas de Alvalade**

**(Escola Secundária Padre António Vieira)**

**Plano Nacional das Artes**

**Projeto Transforma o Teu Bairro (Olivais)**

**Fábrica do Braço de Prata**

**MPMP – Movimento Patrimonial Pela Música Portuguesa**

**Instituto Gregoriano de Lisboa**

**Biblioteca Nacional de Portugal**

**ION (Produção)**

**Mafalda Cordeiro (Escrita Criativa)**

**Nuno Esteves “Blue”**

**Filipa Palhares**

**João Guilherme Ripper**